

A Experiência como Pedagogia Ativa

H. C. PILAN¹

¹ Doutora e Mestre pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em Educação, Arte e História da Cultura. Especialista em Linguagens das Artes pela Centro Universitário Maria Antônia – USP. Especialista em Arte, Educação e Comunicação pela FPA e em Administração: Gestão de Inst. Educacionais pela FINTEC. Docente das Universidades Bandeirantes/Anhanguera nos cursos de Design e Arquitetura e do Centro Universitário Ítalo Brasileiro - UNIÍTALO nos cursos de Pós-graduação e Formação de Professores. Experiência na área da Educação, no uso de Novas Tecnologias, Administração Escolar e Direção Teatral. Professor titular do Estado de São Paulo no Ensino Fundamental e Médio.

E-mail: hania.pilan@prof.italo.br

COMO CITAR O ARTIGO:

PILAN, H. C. A Experiência como Pedagogia Ativa . **Uníitalo em Pesquisa**. URL: [www. Ítalo.com.br/portal/cepesq/revista eletrônica.html](http://www.Ítalo.com.br/portal/cepesq/revista_eletrônica.html). São Paulo SP, v.6, n.1, p. 192-XXX, jan/2016.

RESUMO

Este artigo traz questionamentos sobre os desafios atuais na educação e as possibilidades de trabalhar a Pedagogia Ativa como forma de ensino onde se deseja desenvolver uma prática escolar que oportunize o aprender, formando cidadãos conscientes de si e do outro. A função da escola, do professor e a realidade do aluno também serão aqui discutidas, pois estão presentes no dia a dia, nas relações interpessoais e também na construção do nosso Pensamento. A experiência, a prática, o fazer de todos os envolvidos na educação proporcionam um aprendizado atrativo, possibilitando uma prática escolar vívida e vivenciada.

Palavras chave: pedagogia ativa, realidade do aluno, experiência, prática, fazer, educação.

ABSTRACT

This article brings queries about the current educational challenges and the possibilities of using Active Pedagogy as a methodology which intends to develop a school practice that enables the learning process, raising consciousness in citizens themselves and others. The function of the School, the teachers and the reality of the pupils will be discussed here, because they are present day by day, in the relationships and also in the construction of our Thought. The experience, the practice, and the workings of all the committees in education, proposes an attractive learning, creating a vivid and experienced school practice.

Keywords: Active Pedagogy, Pupil reality, Experience, Practice, Making, Education.

1 INTRODUÇÃO

Estamos em um momento de grande mudança, e isto cria desafios diários a todos, mas estes desafios estão mais visivelmente presentes na educação. Se faz inegavelmente necessária a formação e o desafio pela qualidade do ensino quando se deseja desenvolver uma prática escolar que proporcione o aprender, formando cidadãos conscientes de si e dos outros, preparados para acessar a cultura vigente, tanto a considerada popular como a erudita. É preciso que se tenha sempre em mente que a escola ainda é o espaço mais democrático, e deve ser sempre assim, pois somente ela possibilitará uma mudança nas relações de poder na sociedade.

A função social da escola continua sendo um assunto polemico e os significados da experiência escolar na conjuntura atual, dentro deste novo modelo contemporâneo de sociedade, têm trazido uma série de reflexões do como ensinar. Torna-se necessária uma discussão que perpassa por uma postura pedagógica que reflita sobre suas técnicas e a atratividade das mesmas para os educandos.

Os questionamentos sobre a realidade do aluno e a do próprio professor devem ser o ponto de partida para uma Pedagogia Ativa, pois os interesses humanos são muito parecidos e a realidade esta em nossa volta, presentes no dia a dia, nas imagens, na arte, na religião, na cultura, na ciência, nas relações interpessoais e também nas construções do nosso pensamento.

Assim, este artigo traz como objetivo um questionamento sobre a Pedagogia Ativa, que já tem sido aplicada e pensada por teóricos da educação desde os anos 20 do sec. passado (XX), mas que neste

momento se faz ainda mais necessária.

2 METODOLOGIA

A fim de atender os objetivos propostos neste estudo, optou-se pela revisão de literatura, através de pesquisa bibliográfica, utilizando uma metodologia teórico-crítica.

A noção de teoria crítica refere-se à natureza de crítica autoconsciente e à necessidade de se desenvolver um discurso de transformação social e de emancipação que não se aferre dogmaticamente a seus próprios princípios doutrinários (WOLKMER, 2002).

Entende-se por metodologia teórico-crítica, uma abordagem que seja capaz de compreender os conceitos envolvidos de forma reflexiva, bem como entender como estas definições estão relacionadas na prática administrativa das corporações, explorando e interpretando essas vivências.

Abordaremos alguns autores que trabalham ou trabalharam a experiência como possibilidade de sentir e o fazer para o aprender, questões fundamentais na educação contemporânea.

Como referência serão utilizados, dentre outros, autores como Célestin Freinet (1896/1966), um dos primeiros autores da educação a pensar o fazer experimentado e participativo do aluno como forma de aprendizado real, John Dewey (1859/1952), que traz a experiência sensível para o aprender a refletir sobre a vida presente e real, Paulo Freire (1921/1997) e Sebastião (Tião) Rocha (30/08/1948), brasileiros que pensam a educação a partir da cultura local e dos processos

vivenciados pelos alunos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Dentro da pedagogia ativa, o que primeiro vem à mente de um educador deve ser sem dúvida a palavra motivação. A Pedagogia Ativa está intimamente ligada ao fazer de todos, um fazer que proporciona um aprendizado real e sólido, mas não imutável. Sólido quanto aos seus aspectos reflexivos e de compreensão dos mais diferentes conceitos relativos às diversas áreas do conhecimento.

Vamos começar com a palavra motivação, pois acredito ser esta a mais importante para conseguir de fato uma didática ativa. Motivar no dicionário quer dizer:

1 Ato de motivar. 2 Exposição de motivos. 3 Psicol. Espécie de energia psicológica ou tensão que põe em movimento o organismo humano, determinando um dado comportamento. 4 Sociol. Processo de iniciação de uma ação consciente e voluntária.(AURELIO, 2004,p)

Para um educador pode ser difícil, em um primeiro momento achar um meio de conseguir a motivação, pois cada indivíduo é um ser único e se fazem necessárias formas diferentes para se obtê-la. Mas o professor Doutor José Moran, Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e docente em Novas Tecnologias a vinte e cinco anos pela mesma instituição, tratou deste tema em palestra efetuada no Auditório Dom Emílio Jordan, Colégio Santo Américo, no dia dez de março de 2015 as 19:30. Primeiro ele disse:

[...] é preciso que se conheça todos os seus alunos e o que

cada um deles deseja e sonha para sua vida, pois a forma mais profunda de aprendizado vem do envolvimento afetivo. Só depois disso planeje suas aulas, pois o histórico pessoal de cada aluno interage com os conhecimentos novos e essa relação constrói seu futuro na sociedade. (MORAN, palestra, 2015)

Assim, ele está nos dizendo que meu conteúdo deve estar dentro das expectativas do meu aluno. Para Selbach (2010, p.129), devemos ter “conhecimento das condições físicas e emocionais de cada aluno em cada classe” . Assim, devemos acrescentar nos planos de aulas, recursos e estratégias que possibilitem este conhecimento. A realidade social do aluno é tão ou mais importante do que qualquer conteúdo pois ele é também realidade e ciência. A interação entre sujeito e meio ou sujeito e sujeito envolve relações complexas com o meio político, social, cultural e físico.

Kneller (1983,p.23) usando dos mesmos argumento de Dewey propõe que:

[...] a realidade equivale à interação do ser humano com o seu meio ambiente, é a soma total do que experimentamos. O homem e o seu meio ambiente estão coordenados; eles são igualmente responsáveis pelo o que é real.

Se devemos conhecer nosso aluno para poder motivá-lo, devemos também compreendê-lo como construtor da realidade e de si mesmo. Ao planejarmos a prática educativa os condicionantes socioculturais dos alunos principalmente neste momento histórico de tantas mudanças é tarefa complexa.

Só uma Pedagogia Ativa pensada a partir de experiências sensíveis conseguirá atingir os alunos que estão presentes nas sala de aula contemporânea.

[...] educação é um processo de vida e não apenas uma preparação para a vida futura, e que a escola deve representar a vida presente tão real e vital para o aluno como a que ele vive em casa, no bairro ou no pátio (DEWEY, 1954, p. 47).

Mas como realizar uma Pedagogia Ativa quando estamos presos a currículos engessados e a tempo determinado para que o aprendizado aconteça? Vai ser necessário conhecer com maestria seu mister, para que se encontre em cada item a ser estudado, relevância para os alunos, e por consequência: motivação. Sabemos que algumas escolas em vários países já trabalham neste formato e tem obtido cada vez mais sucesso no quesito “aprender e refletir” ou “aprender a refletir”. Assim teríamos a tão desejada, construção de conhecimentos que para Leite (1994) deve ser realizada com a Pedagogia de Projetos, pois trabalhar com este tipo de fazer, realizada pelo próprio aluno com o desenvolvimento de sua autonomia, formará sujeitos mais críticos e atuantes na sociedade.

Sabemos que o difícil é aprender a pensar por si mesmo, que esta é a trajetória humana que faz o indivíduo adulto, aquele que toma suas próprias decisões, e é isto que propõe um ensino de qualidade. Antes de tudo, seja qual for o método utilizado, devemos pensar no aprender a aprender. Com tantas informações colocadas a nosso alcance diariamente devemos saber como e o que tem relevância para nós e para nosso aprendizado.

Um grande professor e pesquisador da educação francesa foi Freinet, que se inscreve como educador nas primeiras décadas de 20. Ensinava fazendo seus alunos praticarem o que aprenderam. Fazia aulas passeios, estudo de campo, proporcionando a ampliação da sala de aula, já em seu tempo, “derrubando” paredes. Esta ideia coloca o mundo junto a escola, e o aluno participe do meio, inserindo as coisas vividas possibilitando sua aplicação integrada. Para Freinet (1974), é preciso transformar a escola por dentro, pois a escola centrada no professor e na cultura enciclopédica, deve dar lugar a uma educação ativa em torno do aluno. É o trabalho, o fazer, e a cooperação que deve vir em primeiro lugar. Assim, teríamos Prática e Teoria juntas de fato, pois não existe teoria sem prática. É preciso fazer experimentando para que a teoria seja de fato apreendida.

A realidade apresenta-se como um campo em que o homem exercita a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade. No trato prático-utilitário com as coisas o indivíduo em situação cria sua própria representação das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade (KOSIK, 1985, p.10).

A finalidade da educação deve ser o de formar cidadãos para o trabalho livre e criativo, estimular experiências, procurando respostas para suas necessidades e inquietações junto aos seus colegas tendo o professor como mediador. Desta forma a sala de aula passa a ser o lugar de experimentação, aprendizado e mediação onde todos aprendem, professor e aluno conjuntamente debatem sobre os

conceitos em que estão envolvidos inclusive sobre os temas da vida cotidiana.

É a criação da identidade por meio da individualidade sem submeter os indivíduos a modelos pré-estabelecidos formando assim sua personalidade. Para Freinet, é necessário que a pedagogia seja real e concreta, ação e pensamento, ou teoria e prática, possibilitando uma reflexão crítica, questionamento das ideias sempre com o espírito de curiosidade, pois só assim será possível uma educação que esteja relacionada com as necessidades dos educandos e que permeie as práticas cotidianas construindo sua cidadania. E que o indivíduo “[...] esteja em condições de caminhar pelo seu pé e de nos trazer textos e poemas que só teriam a perder com a nossa intervenção” (FREINET, 1974, p. 21).

[...] tentar modernizar os utensílios da escola, melhorar suas técnicas, para modificar progressivamente as relações entre a Escola e a Vida, entre as crianças e os professores (FREINET, 1974, p.12)

Teoria ligada a prática. Para Freinet (1974) é necessário adaptar ou readaptar a escola ao meio, para obter um melhor rendimento de nossos esforços. A educação atual tem tentado seguir estes rumos, mas ainda esta “engatinhando”, tem ficado ainda muito atrás do que seria um ideal plausível. A escola não pode ser uma instituição alienada da vida, com uma acumulação estéril de informações. Professores e alunos devem estar no mesmo nível de igualdade e “camaradagem”. O objetivo maior de Freinet é o de despertar pela educação uma consciência no indivíduo de seu meio, incluindo os aspectos sociais, e de sua história.

Sabemos que mesmo já tendo sido pensado no começo do sec. XX, este caminho ainda não foi trilhado pela educação brasileira. Como encontrarmos este caminho, esta trilha? Como saber sobre os anseios dos alunos? Como vamos motivá-los neste nosso cotidiano tão repleto de afazeres, onde o tempo é quase inexistente para os que vivem em grandes cidades motivados por um turbilhão de códigos, signos e diferentes formas de compreensão do mundo? Podemos pensar que Dewey nos aponta a saída quanto traz em seus “últimos escritos” um texto denominado “Arte como experiência”. Para ele:

[...] o problema das teorias existentes é que elas partem de uma compartimentalização pronta ou de uma concepção da arte que a "espiritualiza", retirando a da ligação com os objetos da experiência concreta. A alternativa a essa espiritualização, entretanto, não é a materialização degradante e prosaica das obras de arte, mas uma concepção que revele de que maneira essas obras idealizam qualidades encontradas na experiência comum. Se as obras de arte fossem colocadas em um contexto diretamente humano na estima popular, teriam um atrativo muito maior do que podem ter quando as teorias compartimentalizadas da arte ganham aceitação geral. ((DEWEY, 2010, p. 72)

Usando dos argumento de Dewey e da proposta do aprendizado em Arte, que por si mesmo já traz como base uma metodologia em três pilares, o Fuir, ver observar e ler; o Contextualizar, o conhecer e o saber e, o FAZER (este último implícito na Pedagogia Ativa), retomamos a experiência como um curso comum ou rotineiro para o aprender.

Antes de continuar a discussão sobre a necessidade de inserirmos um Pedagogia Ativa nas nossas praticas como educadores, iremos

definir o que é “Pedagogia Tradicional”, segundo o próprio parâmetro curricular nacional que diz:

a pedagogia tradicional é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria. A metodologia decorrente da tal concepção baseia-se na exposição oral dos conteúdos [...]. A função primordial da escola, nesse modelo, é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno [...]. Os conteúdos do ensino correspondem aos conhecimentos e valores sociais acumulados pelas gerações passadas como verdades acabadas [...] e o professor é visto como a autoridade máxima, um organizador dos conteúdos e estratégias de ensino. (PCN,1997, p 38)

A tabela a seguir apresenta de forma simples as diferenças das práticas da Pedagogia Tradicional e da Pedagogia Ativa.

Pedagogia tradicional x Pedagogia ativa

Características da aprendizagem	Pedagogia tradicional	Pedagogia Ativa
Relação professor aluno	O professor é o centro das ações, decide o que ensinar e avalia a aprendizagem do aluno.	O professor constrói suas ações observando e conhecendo seus alunos. Neste momento ele não detém mais o conhecimento.
Razões da Aprendizagem	Crianças ou adulto devem aprender o que a sociedade espera que saibam seguindo um currículo padronizado, sem que se preze as particularidades de cada aluno	A finalidade da educação deve ser o de formar cidadãos para o trabalho livre e criativo, estimular experiências. O aluno deve se tornar um ser crítico e pensante.

Experiência do aluno	A experiência daquele que aprende é considerada de pouca utilidade. O que é importante, pelo contrário, é a experiência do professor.	É necessário que se conheça os alunos e o que cada um deles deseja e sonha para sua vida, pois a forma mais profunda de aprendizado vem do envolvimento afetivo.
Orientação da Aprendizagem	A aprendizagem é encarada como um processo de conhecimento sobre um determinado tema. Isto significa que é dominante a lógica centrada nos conteúdos, e não nos problemas.	É com a prática e o fazer inerente a todos que acontece a construção do conhecimento.

Os estudiosos que tratam sobre o desenvolvimento e a aprendizagem humana reconhecem o valor da Arte como propulsor de uma prática ativa para o conhecimento. É com a prática e o fazer inerente a todos que acontece a construção do conhecimento. É a necessidade inerente ao ser humano da criação simbólica para a compreensão e assimilação das informações do mundo a sua volta, só assim é possível se adaptar ao meio em que se está inserido. Ao representarmos a realidade e, fazendo parte dela conseguimos compreender e atuar na mesma.

Quando separamos o conhecimento da prática, quando o isolamos de sua origem e de seu funcionamento cria-se uma impossibilidade de compreendê-lo. Uma das possibilidades de um conhecimento completo e complexo está ligado a compreensão dos signos que estes representam. É a experiência que possibilita sentir os eventos, os sofrimentos do cotidiano universalmente reconhecidos. Para Dewey (1978, p.71), “[...] as teorias que isolam a arte e sua apreciação,

colocando-as em um campo próprio, desvinculado das outras modalidades do experimentar [...]”, diminui seu valor, pois a:

[...] compreensão da arte e de seu papel na civilização não é favorecida por partirmos de louvores a ela nem por nos ocuparmos exclusivamente, desde o começo, das grandes obras de arte reconhecidas como tais (DEWEY, 1978, p.71)

Qualquer experiência para Dewey (1978), mesmo as mais simples, se for genuína está apta a dar “uma pista da natureza intrínseca da experiência estética” do que quando a separamos como um objeto estranho a seu meio. Devemos lembrar que a palavra estética tem raiz grega e vem de de *Aisthesis*, faculdade do sentir, que também origina a palavra ética, que para os gregos representava lar, morada, dentro de si.

Se levarmos em conta o sentimento estético, que é próprio do ser humano podemos pensar a Arte sempre como parte de um contexto cultural e assim não será estranho a seu meio.

No Brasil temos alguns educadores que já trabalham com o contexto cultural como meio para que se de o conhecimento. O contexto cultural onde todas as experiências estéticas estão presentes e permeiam a identidade de cada grupo, esteja eles onde estiverem, mesmo que invisíveis a outros grupos.

Até o momento, mesmo que os PCNs anseiam ao contrário, o que pode ser observado nas escolas no que diz respeito à cultura, é que só são valorizadas as eruditas. Sabemos que é necessário ter acesso aos códigos da cultura erudita, pois conhece-las implica saber os códigos dominantes, mas estes serão um conhecimento exterior, pois é o domínio de suas referências culturais que possibilita compreender e modificar seu meio.

No Brasil temos duas grandes referências que trabalham ou trabalharam dentro dos pressupostos da Pedagogia Ativa e, devem ser lembrados por pensar a educação a partir da cultura local. Um é o pernambucano Paulo Freire e o outro é o mineiro Tião Rocha.

Tião Rocha, educador, antropólogo, referência no ensino de cultura popular no Brasil, em seu projeto pedagógico usa da cultura local, pois assim os educandos se sentem parte integrante do que estão aprendendo. É a identidade de cada um trazida a tona transformando em vivências reais aquilo que é apreendido. Ao criar sua identidade, tanto o educador quando o educando, não serão apenas um repetidor de ideias ambos vão aprender juntos. Vão experimentar, mesmo que distintamente, vão se sentir juntos neste processo. Para a construção de saberes é preciso que todos possam falar sem receios e que sejam respeitados em suas falas, mas para que isto ocorra é necessário saber ouvir.

Para se fazer uma boa educação é necessário que se tenha bons educadores. Para Tião Rocha ser um bom educador não é o que cita autores mas o que cria sua própria pedagogia. Aquele que sabe que todos tem algo a ensinar e a aprender. Outra colocação importante de Tião Rocha é sobre o modelo de escola atual. Para ele é necessário mudar o modelo de escola existente pois este já deu sinais de falência. É preciso mudar a maneira que ensinamos, romper com a grade curricular e efetivamente ensinar o que é útil.

Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender. (ROCHA,2013, meio eletrônico)

Os educadores, na maioria das vezes, ficam de fora da construção das propostas curriculares. Isto é um erro comum, pois são eles quem conhecem as crianças, convivem com elas diariamente e vivenciam seus processos de construção de conhecimento. Assim, o currículo deveria ser pensado a partir de seu conhecimento e não imposto, como acontece na maioria das escolas. Quando existe a participação e o envolvimento de todos e, suas identidades estão ali presentes, mais facilmente se chega ao êxito.

Outro dado importante para pensarmos a Pedagogia Ativa de Tião é a questão do amor, ou a pedagogia do abraço. Todo ser humano necessita de carinho e atenção. Se trabalhamos a autoestima de nossos educandos, com expressões positivas, valorizando seu conhecimento, ele estará sempre pronto a fazer cada vez mais e melhor.

Paulo Freire rejeita a segregação cultural na educação, pois só quando os participantes do processo educacional forem capazes de identificar sua cultura, se orgulharem dela e também aprenderem os códigos da cultura erudita e de todas as demais que nos cercam, poderão se compreender como seres participantes do meio em que vivem. Diz Freire (1983, p.106),” [...] é próprio da consciência crítica a sua integração com a realidade”.

O papel do professor ainda tem como tarefa:

[...] enche os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e me cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que deveria ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante (FREIRE, 2005, p. 65).

Enquanto os professores usarem desta prática, onde os educandos estão desconectados da realidade, e os conteúdos forem impostos e servirem apenas para “encher”, o educando será apenas “puramente espectador do processo”, não estará presente, ficará fora dela e não se tornará participante de seu meio.

Para Freire (2005), o conhecimento deve ser construído na coletividade e a ação–reflexão é fundamental. Assim, a educação não é via de mão única, mas uma via de mão dupla, e por meio da comunicação estabelecemos as relações com o outro e não hierarquia. Este educador defende um ensino que valorize o homem, desenvolvendo sua capacidade de humanizar-se configurando-se participante e transformador de uma realidade que muitas vezes é injusta e discriminatória. Para Freire (1977, p.40) “[...] a vocação do homem é a de ser sujeito e não objeto”.

Nesta nova prática superaremos a educação que discrimina e por meio do diálogo o professor dominará o que o aluno conhece, os seus argumentos para a problemática social objetivando interferir nos conhecimentos equivocados.

As relações entre educando e educador se modificam e os conhecimentos trazidos pelo educando se superam e a eles são incorporados novos conhecimentos.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os ‘argumentos de autoridade’ já não valem. (FREIRE, 2005, p. 79)

Partindo da realidade social de cada educando, o educador reconhecerá as necessidades de cada um, e não proporá currículos pré-estabelecidos nem disciplinas estanques. Poderá estruturar seu trabalho pedagógico de forma consciente, possibilitando ao educando ter consciência e compreensão de sua história reconhecendo o contexto onde esta inserido.

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções (FREIRE, 2005, p.106 e 107)

Conhecer a realidade dos educandos são os alicerces da Pedagogia Ativa. Neste modelo não há currículos pré-estabelecidos, não há disciplinas estanques, pois a construção do conhecimento não se baseia em conhecimentos fragmentados, (FREIRE, 2005 p.133).

Podemos pensar que Freire não propõe uma receita, considerava a teoria como processo de reflexão do que acontece no real concreto, e é assim importante para o pensar certo, mas não só para refletir, mas principalmente para ser capaz de agir e atuar na realidade para transformá-la. "[...] a práxis, porém, é ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo" (FREIRE, 1987, p.40).

Para Freire (1996,p.46) a tarefa mais importante da educação é propiciar as condições necessárias para que as relações interpessoais inclusive com o professor sejam profundas e que ambos possam assumir-se como ser social e histórico, transformador, criador, e realizador de seus sonhos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível pensar, a partir destes autores, que se faz urgente uma mudança no sistema educacional brasileiro. A tão necessária Pedagogia Ativa ainda anda a passos lentos. Mesmo com alguns educadores buscando por caminhos alternativos um ensinar com objetivo e qualidade, nossos currículos e a formação efetuada no Ensino Superior ainda é pautada por métodos tradicionais, reforçando o ensino tradicional e os currículos prontos.

Ideias próprias e inovadoras trazem estranhamento ao meio acadêmico, que ainda deseja ter o poder de conhecimento apenas para si, de modo a não diminuir seu *status quo*. É possível ver nas Universidades cada um buscando para si a glória de sua disciplina compartimentada e o conhecimento pautado apenas no professor detentor de todo saber. As trocas, as iniciativas de aprender fora da “caixa” está relegada a disciplinas menos importantes do currículo. A falta de conhecimento é quase unanime sobre realmente como se dá o conhecimento em todas as esferas de ensino.

Aprender esta muito mais ligado as experiências sensíveis que vivenciamos do que com as horas que passamos recebendo conteúdo que não fazem sentido algum para a maioria dos educandos. A mídia tem apostado e muito nestas experiências, e usa de imagens como forma de ensinar e educar a população e é possível ver estes resultados diariamente, pois nossos educandos estão sempre ávidos pelas novidades que lhes são apresentadas.

As imagens, que fazem parte do mundo da Arte vem sendo usadas desde a Pré-História como signos imagéticos, representantes de toda a sorte de desejos e invocações do ser humano. A Arte é muito abrangente, podendo ser ela, aquela que proporcionará meios e

estratégias para que o educando e o educador aprendam a explorar esse universo de forma crítica e reflexiva.

A Arte seria a bússola norteadora que pode indicar o caminho para uma Pedagogia Ativa.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 1997.

DEWEY, J. **Arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DEWEY, J. **My Pedagogic Creed (1897) - "Meu credo pedagógico"** In: D'Ávila, Antônio. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

DEWEY, J. **Vida e educação**. 10ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FREINET, C. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1974

FREINET, É. **Nascimento de uma Pedagogia Popular**. Trad. Rosália Cruz, Lisboa, Editorial Estampa, 1978.

FREINET, E. **O itinerário de Celestin Freinet: a livre expressão na pedagogia de Freinet**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

FREIRE, P. **Conscientização - Teoria e Prática da Libertação**. São Paulo, ed. Cortez & Moraes Ltda, 1979.

FREIRE, P. **Educação como prática de Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 43ª edição, 2005.

I.NO.D.E.P. **Textos de Paulo Freire selecionados pelos. A mensagem de Paulo Freire: teoria e prática da libertação**. Tradução de José Viale Moutinho. Porto: Editora Nova Crítica, 1977.

KNELLER, G. F. **Introdução à filosofia da educação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

LEITE, L. H.A. **Pedagogia de Projetos: intervenção no presente**. In: *Presença Pedagógica* (8). Belo Horizonte, 1996.

SELBACH, S. *et al.* **História e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

ROCHA. T - **É possível fazer educação de qualidade sem escola - 2013** entrevista disponível no site <<http://porvir.org/porpessoas/e-possivel-fazer-educacao-de-qualidade-sem-escola/20130311>> Acesso em: 14 Abril 2015.

MORAN,J. **Palestra efetuada no Auditório Dom Emílio Jordan, Colégio Santo Américo**, no dia dez de março de 2015 as 19:30.